

Brasil estuda conversão que não implique emissão de moeda, diz Zélia

por Getúlio Bittencourt
de Washington

O governo do presidente Fernando Collor de Mello examina atualmente algumas modalidades de conversão da dívida externa por investimento no programa de privatização, que serão colocadas em prática neste ano. "Não faremos mais conversão da dívida em cruzeiros, como no governo passado", disse a este jornal a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em entrevista exclusiva.

Mas sua equipe estuda alternativas de conversão "que não impliquem emissão de moeda. Operações que sejam feitas em termos contábeis, isso será possível", acrescentou a ministra. Ela não quis, porém, detalhar as opções que o governo estuda no momento. O critério básico é o de permitir apenas conversões que não pressionem a base monetária.

Seu cronograma de renegociação da dívida com os bancos comerciais dificilmente começará antes do segundo semestre. "Nossa prioridade é conseguir, primeiro, um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)", explicou. "E no momento estamos acertando os números da economia, num processo que deverá estar concluído no final deste mês. Os cuidados com os números são necessários porque o Fundo é muito detalhista."

ACORDO SÓLIDO

A idéia, portanto, é de conseguir rapidamente um acordo com o Fundo, em torno de números sólidos. Mas técnicos do FMI entendem que mesmo uma negociação rápida com o Brasil poderá demorar dois ou três meses. Isso significa que o novo acordo "stand-by" de três anos poderá ser assinado em setembro.

SEM DATA PARA O ACORDO

A ministra não antecipa uma data para esse acordo. Seu cronograma diz apenas que a renegociação da dívida com o Clube de Paris e com os bancos comerciais começará depois da definição do orçamento e da visita da missão do FMI ao País. O negociador recém-nomeado da dívida, embaixador Jório Dauster, havia indicado que os bancos ficariam em último lugar no processo, depois do FMI e do Clube de Paris. Mas a ministra Zélia observou que os entendimentos com os credores públicos e privados podem ser feitos simultaneamente.

Em princípio, "não pensamos em propor um Plano Brady de redução da dívida externa com as instituições multilaterais", disse a ministra. A opinião que ela tem sobre o plano de redu-



Zélia Cardoso de Mello

ção do peso da dívida proposto pelo secretário do Tesouro dos EUA é, de certo modo, ambígua.

"O Plano Brady é positivo em termos de conceituação", raciocina. "Mas como alívio da dívida externa, o que ele proporcionou ao México, por exemplo, é muito pouco. O desconto que os bancos acabam fazendo é pequeno. E o alívio no desembolso final dos mexicanos é mínimo. Nós estamos de acordo com os princípios do Plano Brady, mas precisamos de benefícios maiores", ressaltou.

A ministra da Economia considera difícil aconselhar os bancos comerciais na renegociação, em termos do que deveriam propor ou do que devem esperar. "O que nós desejamos é uma negociação de verdade, que nunca aconteceu entre o Brasil e os bancos", disse ela. "Até aqui, o que aconteceu foi que os bancos traziam seu menu de opções pronto, que o país aceitava ou não."

"BOM PARA O BRASIL E BOM PARA OS BANCOS"

Mas o que nos garante uma renegociação melhor que a do México, se os mexicanos obtiveram um acordo insatisfatório contando com o apoio político do governo norte-americano, que o Brasil não terá?

"Boa pergunta", diz a ministra. "Não sei, mas vamos tentar", respondeu. Para ela, o essencial é que no final "tenhamos um acordo bom para o Brasil e bom para os bancos".

Quando a ministra Zélia Cardoso de Mello pensa no Brasil daqui a cinco anos, para quanto ela projeta a corrente dívida externa de US\$ 98,5 bilhões? Depois de pensar por um instante, ela responde: "Vamos dever pelo menos isso, e provavelmente mais". Como ela espera que até lá a economia brasileira tenha crescido bastante, isso significará uma dívida externa proporcionalmente menor.

Na próxima renegociação com os bancos, o Brasil pensa em obter dinheiro novo? "Não", disse a ministra. E com isso, bem-humorada, encerrou a sessão de perguntas sobre o tema: "Chega, já falei demais sobre isso", concluiu.